

Memórias e trajetórias de mulheres no ensino: da formação inicial à formação continuada *

Jaqueline Zarbato Schmitt**

Resumo: Este artigo discute as memórias e histórias de professoras da Educação Básica, objetivando estudar suas experiências e formação. Destacam-se a heterogeneidade e dinamicidade desse processo, a partir das memórias de professoras que atuam na rede pública de ensino do município de São José (Santa Catarina). Para tanto, o trabalho vale-se de entrevistas e de materiais usadas por essas docentes no exercício do magistério, evidenciando facetas das escolhas e caminhos por elas percorridos.

Palavras chave: Memória, Formação de professoras, História.

Memories and trajectories of women in education: from the initial formation to continuing education

Abstract: This article discusses the memories and stories of basic school teachers, aiming at studying their experiences and formation. We focus on the heterogeneity and dynamics of this process, from the memories of teachers who work in the public school system of São José city (Santa Catarina). Thus, the work uses interviews and materials applied by teachers in their pedagogical experience, showing facets of choices and paths they traveled.

Keywords: Memory, Teachers' formation, History.

Saber plural, saber formado de diversos saberes provenientes das instituições de formação, da formação profissional, dos currículos e da prática cotidiana, o saber docente é, portanto, essencialmente heterogêneo
(Maurice Tardif)

O contexto de formação de professoras é múltiplo, vasto, dinâmico, heterogêneo. Nascemos, crescemos, vivemos em determinados contextos que nos formam e nos quais formamos concepções acerca da vida, da educação, das relações sociais, fazemos nossas escolhas, tecemos nosso caminho em busca do que queremos ser. Deste modo, as escolhas, os caminhos, as redes culturais representam na formação das professoras inúmeros caminhos trilhados, de envolvimento com o processo educativo. Estas análises e discussões se inserem principalmente quando investigamos as memórias das professoras da rede pública de ensino. Neste sentido, esse texto visa principalmente apresentar as narrativas

das professoras que ministram aulas na Educação Básica, refletindo sobre o papel da formação, tanto inicial quanto continuada na trajetórias profissional das mulheres professoras. Para tal pesquisa, realizamos entrevistas com 10 professoras que atuam na Rede Pública do Município de São José\SC. Além das entrevistas resgatamos os materiais didáticos (fotografias, livros, cadernos de anotações) utilizados pelas mesmas, os quais não fará parte desta análise reflexiva.

No contexto das vivências das professoras, algumas questões foram apresentadas com mais ênfase, como as dificuldades no processo de trabalho, a formação dos/as educandos/as, as diferentes concepções pedagógicas da equipe escolar, entre outras.

De certa maneira, as memórias apontaram para um universo de escolhas, caminhos que esbarrraram, muitas vezes, em outros processos, como as “imposições da rede escolar”. Segundo o relato de Milena (2006, p 04),

Há dificuldades no ambiente escolar, as imposições da equipe pedagógica muitas vezes não contemplam o cotidiano da sala. (...) É no dia a

*Este texto faz parte de uma pesquisa realizada com acadêmicas do curso de pedagogia, intitulada “As histórias e memórias de professoras da rede pública de ensino de São José\SC: subjetividades, narrativas e memórias, desenvolvida nos anos de 2006 à 2008.

** Endereço eletrônico: jaquezar@yahoo.com.br

dia da sala de aula, nos cursos de formação, na seleção de conteúdos, nas metodologias, nas reuniões pedagógicas, na pesquisa, na convivência com a comunidade escolar; nos problemas com disciplina, na discordância em torno da avaliação que se aprende a ser professora.

Pode-se dizer, a partir dessa narrativa que há diferentes olhares, expectativas e histórias sobre o aprender a ser professora. Assim, concebemos que esse processo de identidade em torno da profissão apresenta as subjetividades dos sujeitos envolvidos no processo de formação. Pois cada membro da equipe escolar, vislumbra um caminho a ser trilhado na construção do saber, uns valorizam os conteúdos, outros os procedimentos, mas na totalidade refletem as posturas distintas na formação. Nóvoa (1995, p25) argumenta que

a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos, de técnicas) mas sim por meio de um trabalho de reflexibilidade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal.

A identidade pessoal, ou lugar das memórias das mulheres professoras, entrelaça o presente e o passado, num trabalho que envolve diferentes tempos da memória, da formação profissional. Situando o lugar de onde se fala define-se a construção de identidades. Como afirma Bosi (1992, p28),

a memória articula-se formalmente e duradouramente na vida social mediante a linguagem. Pela memórias as pessoas que se ausentaram fazem-se presentes. (...) memória e palavra, no fundo inseparáveis, é a condição de possibilidade do tempo reversível.

Assim, mesmo com padrões de formação muito próximas, cada professora entrevistada trouxe elementos muito particulares sobre a identidade, subjetividade do ser professora.

Colocar as experiências das professoras na centralidade da discussão, com o intuito de perceber as diferenças na produção do ensino e aprendizagem encaminha para o entendimento da função social que essas mulheres exercem. A intenção em problematizar a memória e a trajetória de professoras permite o entendimento das práticas educativas que se pretendem autônomas, buscando recuperar elementos do cotidiano escolar, da construção de saber, das formas de ser e estar na profissão de professora.

Isso porque, as experiências subjetivas das professoras se refletem na postura que adotam no

espaço escolar. Como salienta Facci (2004, p.22)

estudamos a questão profissional, mas esquecemos de que a professora tem toda uma trajetória de vida, que influencia notavelmente a sua atuação prática, em outros momentos, estuda-se o professor como pessoa, mas esquece-se de contextualizar sua profissão

Nas narrativas das professoras ficam registradas a junção dos saberes oriundos da formação universitária e da prática da sala de aula, não que uma seja mais importante que a outra, mas há um cruzamento entre os saberes, que de certa forma, apresentam-se como processos que visam modificar os caminhos do ensino. A relação que as professoras estabelecem com os saberes da formação profissional e pessoal se manifestam na postura diante do processo de ensino aprendizagem e no cotidiano, uma vez que, “os saberes apontados pelos professores são chamados por eles de práticas ou experimentais. É a partir dos saberes adquiridos que julgam sua formação” (Tardif, 2002, p 50).

No exercício da função de professora, os saberes que se acumulam ao longo de sua formação se apresentam através da prática educativa. De certa forma, isso condiz com que Nóvoa ressaltou sobre o crescimento da produção teórica, e o pouco aprofundamento na prática. Nóvoa(2001), apontou algumas deficiências que perpassam a formação dos professores em vários lugares e, em relação ao Brasil afirmou que se avançou muito na análise teórica, mas se avançou muito do ponto de vista da reflexão, mas se avançou relativamente pouco nas práticas de formação dos professores, da criação e consolidação de dispositivos novos e consistentes na formação.

Maurice Tardif (2002) destaca que

o aprofundamento das discussões fomentam novos olhares sobre a formação, defendendo que a reflexão sobre o fazer histórico pedagógico, a qualidade do ensino pressupõe uma análise sobre o fazer dos professores, vistos como mola propuloras no processo de ensino.

O fazer das professoras não é um tema estante, não se esgota essa discussão com análises teóricas em determinados períodos históricos, pois a cada ano surgem novos profissionais nos espaços escolares, que trazem consigo uma gama de ações, saberes, experiências. São tempos de formação diferenciados, já que os saberes adquiridos no espaço universitário, na formação teórica e prática são diferentes. A escolha de narrativas como suporte deste trabalho se deve às suas características de fazer

pensar e estar aberta às interpretações dos sujeitos leitores que são interpelados pelas narrativas.

Na instituição escolar espera-se um modelo de aluno, de professor/a, no cotidiano acaba se apresentando de forma bem diferente do imaginado. Os/as acadêmicos/as que participaram do acompanhamento tiveram a possibilidade de conviver com profissionais que enfrentam os desafios no processo de ensino e aprendizagem, puderam vislumbrar a subjetividade que envolve o saber e o fazer dos professores/as, entender as relações de gênero, de trabalho docente.

A experiência provoca, assim, um efeito de retomada crítica dos saberes adquiridos antes ou fora da prática profissional. Ela filtra e seleciona os outros saberes, permitindo assim aos professores reverem seus saberes, julgá-los e avaliá-los e, portanto, objetivar um saber formado de todos os saberes retraduzidos e submetidos ao processo de validação constituído pela prática cotidiana (Tardif, 2002, p 54).

A trajetória do/a professor/a de História: outros olhares sobre a formação

Na pesquisa realizada consideramos importante analisar as experiências, memórias das professoras para que possamos saber que, além da aparente homogeneidade que os espaços escolares teoricamente nos trazem, há todo um universo de práticas diferenciadas, de iniciativas criativas, de atuações autônomas que, refletem a formação dos professores.

Assim, mesmo que a profissão de professora tenha inúmeras dificuldades é possível perceber em certos depoimentos o envolvimento, o engajamento, a expectativa de transformar o processo educativo. Essas diferenças de concepções pedagógicas, contribuem para a reflexão sobre as alteridades no cotidiano escolar, nas próprias maneiras de se envolver no processo educativo. Regina da Silva, há seis anos atua como professora de História no ensino fundamental, afirmou o que ser professora representa:

Vários fatores me levaram para o caminho do ensino de História, dentre eles vou destacar os que considero mais relevantes. A princípio o fato de que esta profissão requer o aperfeiçoamento contínuo que, foi aliado a minha sede de aprender. Junto a isso está a importância, o valor e o poder desta profissão diante da formação do pensamento humano e a intencionalidade política nesta prática, considerando a possibilidade de mudança e transformação da realidade. Desde pequena tive facilidade de comunicação, de trabalhar com outras pessoas e

dialogar com a vivência das pessoas.¹

Percebe-se no relato dessa professora que, a formação é uma preocupação em sua vivência, assim como a atuação na sociedade. Uma vez que encaminha para a profissão de professora a intencionalidade, a transformação da realidade, elementos que estão presentes na prática diária. Mas, que também ao salientar que *desde pequena tive facilidade de comunicação, de trabalhar com outras pessoas e dialogar com a vivência das pessoas* parece naturalizar e até mesmo essencializar a função de professora.

Além disso, numa análise mais ampla pode-se dizer que, no processo educativo as mudanças, as rupturas partem do processo dialógico que visa construir atitudes, posturas diferenciadas, em que a professora traz uma série de elementos de sua personalidade para a atuação profissional. Na profissão de professora a interação humana é algo constante, situados numa mediação dos saberes, das habilidades, das competências. E se separarmos por gênero, estaremos contribuindo para a construção da separação também entre as crianças com quem trabalhamos, perpassando um discurso da habilidade e competência de cada sujeito, conforme o gênero feminino ou masculino.

Estreitar as relações é um elemento que para algumas professoras pode ser a chave de novas práticas educativas, mas que ainda está distante de ser um consenso. Como nos relata a professora Márcia dos Santos, com dez anos de profissão:

Comecei a trabalhar na Escola neste ano (2005), mas já havia substituído uma professora em 2001, por isso conheço a realidade da escola. Cheguei com muitas expectativas, com vontade de mudar as coisas, de trazer novas propostas de trabalho. Mas, no começo do ano estranhei um pouco, porque todas as tentativas de mudança não estavam dando certo. Eu ia embora muito frustrada, cada dia tinha uma nova dificuldade para superar. Ainda bem que sou solteira, então tenho tempo para me preparar. Eu sempre superei as dificuldades. Num dia, na sala da 701 houve uma discussão com um aluno. Fui para casa pensando em tudo aquilo, comecei a perceber que só conseguiria avançar se colocasse em prática todas as intenções iniciais. Tive que rever a minha formação e, aprender com a prática diária, com o coletivo.²

Aprender com o coletivo, reformular as aulas, rever os conceitos são elementos que fazem parte do cotidiano de muitas professoras, e são reforçados nas narrativas como momentos de demarcação de suas posturas, estabelecendo sua forma de atuação no espaço escolar.

A maneira particular das professoras em lidar com a realidade vivenciada no espaço escolar, aponta para diferentes temporalidades de saber, diferentes graus de intencionalidade na prática educativa, diferentes maneiras de ser e estar na profissão de professora. Por isso, o saber profissional está, de certo modo, na confluência de vários saberes provenientes da história de vida individual, da sociedade, da instituição escolar, dos outros atores educativos, dos lugares de formação.

Nas narrativas de algumas professoras ficam expressas as diferenças de concepções de práticas educativas, de suas experiências. Thaiz Tomé (2006, p 3), que atua na rede municipal há cinco anos, afirma que em sua atuação profissional, sentiu falta de uma formação mais direcionada para a prática de ensino e de debates sobre as relações de gênero:

*O início da minha carreira não foi muito fácil, pois era novata e não tinha experiência em sala de aula, tendo que enfrentar a indisciplina dos alunos, o que me ocasionou certo frustramento. Considero que a minha formação universitária estava muito longe da realidade que se tem que enfrentar nas escolas. As teorias, muitas vezes, não me ajudaram a avançar com o que tinha que ministrar nas aulas de História. Além disso, era eu e outro professor, que não perdia tempo de fazer "brincadeiras" sobre a minha forma de dar aula*³

Alguns elementos citados na narrativa da professora podem ser encontrados em outras narrativas, as dificuldades da transposição didática de alguns conteúdos, os relacionamentos com outros profissionais, com os alunos, a falta de material didático, as imposições de poder. Esses e outros itens fazem parte do universo de muitos profissionais da Educação, mas ganham maior profundidade nas narrativas justamente porque estagnam muitos desejos, sonhos de professoras, que esperam fazer a *diferença no cotidiano escolar*.

Cabe ressaltar que as professoras apontam os primeiros anos como os mais difíceis, porém, ao entrevistar professoras com maior tempo de atuação, percebe-se que, ao longo dos anos, vão incorporando novos elementos na sua prática. Isso se dá talvez, porque,

a formação vai além do que se aprende na universidade, levando em conta toda uma gama de experiências e construção de saber da vida de cada sujeito social, de suas motivações, apreensões, ações, vivências. o início da carreira é acompanhado também de uma fase crítica, pois é a partir das certezas e dos condicionamentos da experiência prática que

os professores julgam sua formação universitária anterior. (Tardif, 2002, p 86).

Nas narrativas das professoras emergem, com frequência, a confluência entre o que levam de sua vida pessoal para a vida profissional, assim, muitas vezes, as histórias de vida são carregadas de significados de suas experiências profissionais e vice versa. A formação passa a ser "entendida como autoformação, na qual suas experiências e práticas vão construindo-se em seus saberes." Pimenta (1996, p 84).

É importante analisar a formação para que se compreenda que imagem a professora tem de si mesma e de seu trabalho. As professoras que possuem 20 anos de formação, apontam outros elementos em relação a experiência profissional. Andréia Lima (2007, p 4) que trabalha há 25 anos destaca que:

No seu exercício, o/a professor/a é responsável pela produção de saberes e valores por meio dos processos de ensino-aprendizagem no ambiente escolar. Na transmissão dos saberes, aglutina o conhecimento histórico, os saberes curriculares, os saberes pedagógicos, os saberes práticos da experiência. Esse conjunto de saberes constrói as identidades dos/as professores/as, evidenciando os elementos de sua formação pessoal e profissional.

A narrativa de Andréia nos aponta algumas questões relacionadas aos saberes instituídos na vivência da professora. Ao longo da trajetória escolar, ela vai identificando os problemas, buscando soluções, vivenciando situações inusitadas. A construção e transmissão dos saberes elencados no processo educacional, permite momentos em que há a interação entre os diferentes tempos de formação. Mas, também apresenta as singularidades de cada sujeito. Segundo Andréia (2007, p 3), "há momentos em que questiono o meu fazer e dos outros, como por exemplo nas reuniões de troca de experiências:

é momento em que a gente não fique falando dos alunos, mas que se fale de quem é o professor? Como me sinto em meio a violência que domina o espaço escolar? Como vislumbro o fato de muitas vezes assumir o papel mãe, tia, professora dos alunos? Enfim, somos sujeitos com as mais diferentes vivências e experiências, por isso é importante que se tenham momentos de troca, para que se pense no coletivo propostas de mudanças nos paradigmas educacionais.

As reuniões de trocas de experiências⁴ configuram-se como momentos de desabafos dos problemas enfrentados no cotidiano escolar e na própria

formação dos professores.

Nesses momentos, percebe-se a gama de discussões que estão presentes na formação das professoras. Participei de algumas reuniões como observadora, analisando principalmente as posturas, as reflexões, ou seja, me centrei em observar quem eram os sujeitos envolvidos no processo de análise do cotidiano escolar. Presenciei cenas de embates teórico-pedagógicos, mas as cenas mais marcantes foram com certeza, de posturas de professoras que se destacaram por erguer-se em meio as demais e narrar as multiplicidade de possibilidades que ser professora representa, não para os outros, mas para si mesma. Ou seja, para essas mulheres ser professora não é “vocação”, é ser uma profissional.

Em relação a formação acadêmica, há nas narrativas das professoras algumas questões sobre o que consideram importante na “preparação” para atuação no mercado de trabalho. Maria, (2007, p 4) professora há 08 anos relata que:

A formação acadêmica que tive me propiciou a preparação para o que tive que enfrentar. Mesmo assim, é difícil trabalhar. Os alunos só pensam em brigas, pontapés, palavrões(...) e para os estudos não dão a mínima importância. (...) nossos alunos perderam a vontade de sonhar...

Os problemas com a violência no espaço escolar, com a indisciplina são frutos do contexto social em que alunos/as e professores/as estão inseridos. O modelo educacional de ação é regido pela lógica disciplinar que, historicamente encaminha à escola uma função ideológica.

Esse modelo, tão amplamente debatido e criticado pressupõe também um modelo de espaço escolar, de cultura escolar. Porém, na prática as professoras ressaltam que há inúmeras rupturas no modelo disciplinar escolar. Em meio a diversidade de situações, a professora precisa redimensionar suas concepções no processo educativo e, por isso a formação continuada pode auxiliar nesse processo. Samira (2007, p 1) aponta o quanto a formação continuada lhe auxiliou:

Eu já estava quase desistindo de ser professora, sabe, eu sempre me empenhei, mas de uns tempos para cá, minha empolgação foi diminuindo, diminuindo. Não sei se é porque as coisas mudaram muito, eu já trabalho há mais de 20 anos, e (...) na formação continuada comecei a relatar minhas experiência de professora, pude falar com as meninas que estão começando(...) acho que isso me ajudou a me ver como alguém necessária nesse processo, porque elas ficam sempre pedindo a minha opinião.

Essa narrativa deixa evidente que a troca de in-

formações, os momentos de socialização são experiências que valorizam as práticas educativas e, de certa forma, contribuem na autoreflexão das professoras, quase como encaminhando novos significados a sua vivência, profissional e pessoal. O domínio progressivo do trabalho provoca uma abertura em relação à construção de suas próprias experiências, abertura essa ligada a uma maior segurança e ao sentimento de estar dominando bem suas funções, tanto pessoais quanto profissionais. (Tardif, 2002, p 88)

Na busca pelo aperfeiçoamento contínuo, onde a prática configura-se como um conjunto de ações sobre o seu fazer pedagógico, a professora apresenta sua identidade aos demais, demarcando seu lugar no fazer educacional. Pode-se dizer que, a prática é um processo de investigação. Mas, como salientou Samira (2007, p 2) “*somente a prática não é suficiente para modificar o processo educativo. O conhecimento teórico crítico, produzido ao longo da história pode ser utilizado como ferramenta para significar e contribuir na formação*”.

As características que cada professora remete à sua prática mostram a preocupação do indivíduo e de sua história. A formação do indivíduo se dá dentro de um processo educativo e, as professoras se apresentam como mediadoras dos conhecimentos produzidos pela sociedade. Ramalho (2004, p 21/22) explica que esse processo decorre de um *modelo formativo*, baseado em certas características, como *treinamento de habilidades*. Destaca alguns elementos presentes nesse *treinamento*, como:

- a) conteúdos descontextualizados da realidade profissional, fragmentados, reveladores de uma formação acadêmica fragilizada.
- b) Distância do objeto da profissão, com uma evidente dicotomia teoria/prática, com o criticado estágio terminal e com escassos momentos para mobilizar saberes da profissão na prática real.

A autora apresenta algumas questões que são pertinentes e muito debatidas em relação à formação. Essas discussões buscam fomentar incisivos debates acerca da relação teoria e prática, já que produzir saberes decorre também da capacidade de assumir o ensino como investigação, reflexão, produção, ou seja, exercer a transposição didática no âmbito escolar.

Nesse sentido, na produção de conhecimento desde a formação inicial até o cotidiano da prática no espaço escolar, a reflexão do fazer e ser professora não se limita ao campo teórico ou prático, mas sim numa confluência entre ambos, pois conforme nos relatou a professora Ângela,

ter conhecimento sobre as diferentes concepções pedagógicas, as tendências educacio-

nais, mas não saber lidar no dia-a-dia com as crianças, não 'olhar' para elas, não adianta nada. Porque você sabe, mas não consegue avançar, por isso, muitas vezes, nas paradas pedagógicas, questiono a relação entre teoria e prática.

O questionamento sobre teoria e prática faz parte de muitas narrativas, porém é importante salientar que, na formação inicial prega-se a transposição dos saberes para a prática, que em alguns momentos são silenciadas em meio as exigências de cada instituição escolar, das diferentes posturas. O que se pode argumentar é que essa questão pontua várias análises e reflexões sobre o fazer e saber dos professores.

Entretanto, nos chama a atenção a narrativa de algumas professoras que relacionam o seu fazer profissional com sua vivência, numa intrínseca relação, numa formação de identidades. Assim, se amplia a noção de formação, permitindo a valorização da experiência acumulada pelas professoras, a reflexão sobre as práticas. As crenças, os valores, as concepções de ensino e aprendizagem, conteúdo curricular, vivência familiar contribuem na formação de sua profissão.

Neide (2007, p 1) é professora há 30 anos e relaciona cada evento de sua vida profissional com sua vida pessoal. Segundo ela:

Escolhi ser professora porque minha era professora, mas hoje me considero uma pessoa muito melhor graças ao meu trabalho. No início foi difícil, eu era recém casada e comecei numa escola com muitos problemas. Quando a minha filha nasceu, logo depois saí dessa escola e vim para uma outra, perto de minha casa. Lá fiz grandes amigas, tenho cartas das crianças guardadas até hoje. Eu fiquei bastante tempo nessa escola, era uma escola pequena, eu ficava o dia todo lá. Depois meu marido foi transferido, daí tive que sair de lá, comecei a dar aula numa escola bem maior, e os meus problemas também aumentaram. As crianças eram muito diferentes, tinha todos os níveis sociais que se pode imaginar, mas como sempre me concentro no melhor, fiz um trabalho sobre a "identidade" com os alunos que lembro, foi muito legal.

A construção dos saberes, competências são elementos presentes na vivência das professoras, mas relacionar com sua vida pessoal parece conferir mais valor a esse trabalho. Demarcar elementos que se relacionam com sua vida pessoal reflete o envolvimento de algumas profissionais com os alunos. A vida dentro do espaço escolar reflete-se na vida pessoal, e *ser uma pessoa melhor*, parece dar a tônica

do que representa ser professora para Neide.

Mais, se por um lado há a exacerbação da identidade de ser professora, em outras narrativas encontramos os sintomas de uma formação que privilegia alguns elementos, como destacou a professora Luana (2007, p 8), que "a falta tempo e espaço para a formação, é algo ainda presente em muitas instituições":

O excesso de carga horária acarreta desgaste físico e mental, que requer um tempo de lazer e descanso, tempo este que na profissão de professor muitas vezes é direcionado para o planejamento(...) o professor quando sai da escola, na volta para casa leva consigo a responsabilidade de voltar no dia seguinte preparado para dar sentido e significado ao conhecimento. Nesses momentos, fico pensando que a formação deve levar em conta a nossa experiência, a subjetividade, não que não seja importante discutir a pesquisa histórica, o fazer pedagógico. Mas quando a gente reclama que tem que ter tempo para a formação, não somos ouvidas ou então trazem as palestras que não tem nada a ver com o que propomos. Essa parte me deixa muito frustrada.⁵

A frustração de não se trabalhar com a realidade educacional perpassa o cotidiano de muitas instituições, pode-se dizer a formação continuada tem sido alvo de debates, mas mesmo com a sua inserção, percebe-se na narrativa da professora Luana, que muitas vezes, a formação se distancia do que as professoras almejam.

Muitas professoras ressaltam a necessidade da valorização das experiências, das práticas educativas, fomentar espaços em que os vários aspectos da formação, desde a acadêmica, os cursos, condições de trabalho, valorização das práticas permitam que se amplie o redimensionamento do sistema educativo.

A professora Cláudia (2007, p3) ressaltou que:

A maior dificuldade diz respeito ao pouco incentivo no que concerne ao aperfeiçoamento profissional. Enquanto alguns profissionais encontram todas as facilidades para realizar cursos, participar de eventos, os professores encontram muitas dificuldades no que diz respeito a essa questão. Outra dificuldade, não sei bem se é dificuldade, talvez um desafio, é que os cursos muitas vezes não trazem utilidade para trabalhar com realidade, a vida do aluno.⁶

Valorizar a experiência da professora e a realidade dos alunos é um aspecto que precisa ser também prioritário na prática pedagógica. Isso porque muitas das entrevistas trabalham com escolas de periferias, sendo assim, os problemas pedagógicos são apenas

um entre outros problemas. As questões sócio-culturais, as questões financeiras, a violência, tráfico de drogas são cenas rotineiras no cotidiano de alunos e também das professoras. Na narrativa de Cibele (2007, p 1), ficou evidente a impotência das professoras diante de algumas situações, segundo ela:

O maior desafio para mim, como professora, mãe, mulher quando vim para essa escola foi ajudar a construir um mundo novo para essas crianças. Um mundo em que se tenham sonhos, em que admirem suas fotos, sua identidade. Em que acreditem que podem ir além do que é esperado socialmente para eles, que podem criar, recriar, serem o que quiserem ser.

A narrativa apresenta as concepções da professora Cibele, mas muitas outras professoras encaminham suas trajetórias profissionais a partir das questões sociais. Sem essencializar as práticas, podemos dizer que, ainda há uma gama de mulheres, professoras que ajudam a constituir identidades e que formam suas próprias identidades a partir do seu fazer profissional.

Assim, mas do que abordar os caminhos da formação das professoras, apresentamos nesse texto as reflexões de algumas mulheres sobre suas trajetórias, identidades. São caminhos que escolhemos trilhar, mas que não sabemos o que nos espera ao longo do percurso, que nos lançam em diversos desafios

Notas

- ¹ Entrevista realizada com a professora Regina da Silva em abril de 2006. p 1
- ² Entrevista realizada com a professora Márcia dos Santos em abril de 2006.
- ³ Entrevista realizada com a professora Thaiz da Silva Tomé em abril de 2006.
- ⁴ As reuniões de troca de experiência foram sugeridas pelos professores, são quinzenais e neste espaço discutem as concepções pedagógicas utilizadas, os principais problemas, as idéias de projetos integrados.
- ⁵ Entrevista com Luana Costa concedida em abril de 2006.
- ⁶ Entrevista de Cláudia em agosto de 2006.

Referências

- AZEVEDO, J. G. & ALVES, N. G.. (Orgs) *Formação de professores: possibilidades do imprevisível*. RJ: DP&a, 2004.
- CAVACO, M. H. *O ofício do professor: o tempo e a mudança* In: NOVOA, A (Org) *Profissão professor*. Porto, Portugal, Ed. Porto, p 155-168, 1995.
- FACCI, M. G. D *Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor?* SP, autores associados, 2004.
- FENELON, D. *A formação do profissional de História e a realidade do ensino*. Cadernos cedes, n 8. SP, Cortez, 1983.
- FONSECA, S. G. *Didática e prática de ensino de História*. SP, Papirus, 2003.
- NOVOA, A..(Org.) *Os professores e sua formação*. Lisboa, Dom quixote, 1995.
- PIMENTA, S. G . *Estágio e Docência*. SP, Cortez, 2004.
- RAMALHO, B., NUNEZ, I., GAUTHIER, C. *Formar o professor, profissionalizar o ensino*. Porto Alegre, Sulina, 2004.
- SILVA, M. A(Org) *Repensando a História*. SP, Marco Zero, 1984.
- TARDIF, M. *Saberes docentes & formação profissional*. RJ, Vozes, 2002.

*Recebido em setembro de 2008
Aprovado em dezembro de 2008*

Sobre a autora:

Jaqueline Zarbato Schmitt é Profa Dra em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente leciona na Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) e Centro Universitário Municipal de São José-USJ, nos cursos de pedagogia, com as disciplinas de História da Educação Brasileira, Estrutura e Funcionamento da Educação Básica, Didática, Docência em História. Tem trabalhos na área de Memória e Ensino de História; Currículo e multiculturalismo; História da Educação Brasileira.